



TRADUÇÃO

O SUTRA DO CORAÇÃO⁵²

TRADUÇÃO DE BRUNO CARLUCCI

Bruno Carlucci

Universidade de Campinas (UNICAMP), Brasil

bruno.carlucci@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v4i1.23073>

Recebido em: 19/02/2019

Aceito em: 13/07/2020

Publicado em dezembro de 2020

Om! Presto reverência à Sagrada e Nobre Perfeição da Sabedoria, *Prajna Paramita!*

Ao praticar a profunda Perfeição da Sabedoria, *Prajna Paramita*, o *Bodhisattva*, o Nobre Avalokiteshvara, o Senhor que do alto olha para os seres, lançou sua luz sobre os cinco agregados e eles se revelaram vazios de natureza própria.

Ó Shariputra, a forma é vazia de existência inerente, o vazio de existência inerente é a forma. A forma não é senão vazia de existência inerente, e o vazio de existência inerente não é senão a forma. A sensação, a percepção, as tendências e a consciência também são vazias de existência inerente.

Ó Shariputra, o vazio de existência inerente é a característica de todos os fenômenos. O vazio de existência inerente não é produzido, nem cessa, não é poluído, nem purificado, não é incompleto, nem cheio.

Pois, em relação ao vazio de existência inerente, não há forma, sensação, percepção, tendências nem consciência. Não há olhos, nariz, língua, corpo ou órgão mental. Não há formas visíveis, sons, odores, sabores, objetos tangíveis, nem fenômenos mentais.

Não há o elemento da visão, nem dos outros sentidos, nem mesmo o elemento da consciência mental. Não há ignorância, nem cessação da ignorância, não há

⁵² Tradução da versão curta do *Sutra do Coração (prajñāpāramita-hṛdayam sūtra)* com base no texto em sânscrito transliterado por Edward Conze e em sua tradução para o inglês, disponível em *Buddhist Wisdom Books: Containing The Diamond Sutra and the Heart Sutra*, edição de 2001, a tradução do tibetano para o inglês de Thupten Jinpa (2015) e a tradução e os estudos de Jayarava (2013).



envelhecimento, nem morte, nem cessação de envelhecimento e morte. Não há o sofrimento, nem a causa, não há a cessação, nem o caminho. Não há a compreensão, *jnana*, nem a aquisição, nem a não-aquisição.

Tendo chegado a um estado além de aquisições, por meio da confiança em *Prajna Paramita*, a Perfeição da Sabedoria, os *Bodhisattvas* se libertam dos obscurecimentos mentais. Livres de obscurecimentos mentais, não têm medo e, assim, superam os pensamentos distorcidos, como ao despertar de um sonho que ficou para trás. Alcançam a culminação do Nirvana.

Todos os *Buddhas* dos três tempos atingem o perfeito completo despertar na dependência de *Prajna Paramita*, a Perfeição da Sabedoria.

Portanto, a Perfeição da Sabedoria, *Prajna Paramita*, deve ser percebida como o grande mantra, o mantra da grande sabedoria, o mantra excelente, o mantra incomparável e o que pacifica todo sofrimento. É a verdade, livre de engano. Por isso que o mantra de *Prajna Paramita*, a Perfeição da Sabedoria, foi ensinado desta forma:

gate gate pāragate pārasaṃgate bodhi svāhā.

Adiante e além, todos adiante e além, rumo a outra margem ao despertar, assim seja!

Assim termina o Coração da Perfeição da Sabedoria, *Prajna Paramita*.



PRAJÑĀPĀRAMITA-HRDAYAM SŪTRA

oṃ namo bhagavatyai ārya prajñāpāramitāyai!

*ārya-avalokiteśvaro bodhisattvo gambhīrāṃ prajñāpāramitā caryāṃ caramāṇo
vyavalokayati sma: panca-skandhās tāṃś ca svābhava śūnyān paśyati sma.*

*iha śāriputra: rūpaṃ śūnyatā śūnyataiva rūpaṃ; rūpān na pṛthak śūnyatā śūnyatāyā
na pṛthag rūpaṃ; yad rūpaṃ sā śūnyatā; ya śūnyatā tad rūpaṃ. evam eva vedanā
saṃjñā saṃskāra vijñānaṃ.*

*iha śāriputra: sarva-dharmāḥ śūnyatā-lakṣaṇā, anutpannā aniruddhā, amalā
avimalā, anūnā aparipūrṇāḥ.*

*tasmāc chāriputra śūnyatayāṃ na rūpaṃ na vedanā na saṃjñā na saṃskārāḥ na
vijñānam. na cakṣuḥ-śrotra-ghrāna-jihvā-kāya-manāṃsi. na rūpa-śabda-gandha-
rasa-spraṣṭavaya-dharmāḥ. Na cakṣūr-dhātur. yāvan na manovijñāna-dhātuḥ. na-
avidyā na-avidyā-kṣayo. yāvan na jarā-maraṇam na jarā-maraṇa-kṣayo. na dukkha-
samudaya-nirodha-margā. Na jñānam, na prāptir na-aprāptiḥ.*

*tasmāc chāriputra aprāptivād bodhisattvasya prajñāpāramitām āśritya
viharatyacittāvaraṇaḥ. cittāvaraṇa-nāstitvād atraastro viparyāsa-atikrānto niṣṭhā-
nirvāṇa-prāptaḥ.*

*tryadhva-vyavasthitāḥ sarva-buddhāḥ prajñāpāramitām āśrityā-anuttarāṃ
samyaksambodhim abhisambuddhāḥ.*

*tasmāj jñātavyam: prajñāpāramitā mahā-mantro mahā-vidyā manthro 'nuttara-
manthro samasama-mantraḥ, sarva dukkha praśamanaḥ, satyam amithyatāt.
prajñāpāramitāyām ukto mantraḥ.*

tadyathā: gate gate pāragate pārasaṃgate bodhi svāhā.

iti prajñāpāramitā-hṛdayam samāptam.



Biografia do autor

Após a morte do *Buddha* histórico, começaram a aparecer na Índia sutras atribuídos a ele, mesmo séculos depois, como no caso dos sutras *mahāyāna*, onde se insere o Sutra do Coração. Não se sabe quem de fato escreveu a maior parte dos sutras que formam o cânone budista. O *Buddha Shakyamuni*, ou Siddharta, o *Buddha* histórico, viveu no séc. VI a.c. na Índia e fundou uma escola filosófico-religiosa focada em como sanar o sofrimento humano por meio de uma investigação da natureza desse sofrimento, de nossa compreensão dos fenômenos e daquilo que chamamos de “eu”. Os ensinamentos atribuídos a ele deram origem ao que hoje chamamos de budismo, uma religião estruturada em torno desse cânone ao longo de vários séculos na Ásia e mais recentemente em outras partes do mundo.

O Sutra do coração

Neste texto budista, há um diálogo entre Avalokiteshvara e Shariputra sobre a natureza última dos fenômenos percebidos pelos cinco agregados (*skandhas*) da existência humana. De autoria real desconhecida, o texto se vincula à vertente *mahāyāna* do budismo e à temática abordada pelos Sutas *Prajna Paramita*.

Projeto de tradução

Um dos textos budistas mais conhecidos no mundo ocidental e de grande relevância para diversas vertentes e escolas budistas criadas em várias regiões da Ásia, a versão curta do *Sutra do Coração*, aqui traduzido, está vinculado à coleção de sutras *Prajna Paramita* que começaram a circular na Índia no final do século I a.c. e contribuíram para estabelecer a marca distintiva do budismo *mahāyāna*, o ensinamento acerca de *shunyata* (*śūnyatā*), a perspectiva do vazio de existência inerente do eu e dos fenômenos (SKILTON, 2013, p.99).

A partir dos ensinamentos contidos no sutras *Prajna Paramita*, o filósofo budista Nagarjuna, escreve o seu *Mūlamadhyamakakārikā*, *Os Versos Fundamentais do Caminho do Meio*, para refutar teorias de outras escolas budistas que atribuíam uma natureza intrínseca aos fenômenos do mundo, isto é, partiam do princípio que



o mundo fenomênico carregava em si mesmo determinadas características inerentes, tais como o sofrimento, a impureza (as aflições) e daí por diante (KALUPAHANA, 1992, P.120).

Com os ensinamentos contidos nos sutras *Prajna Paramita* e nos tratados de Nagarjuna e seus discípulos, como Aryadeva e Ashvagoshā, é apresentada a perspectiva de vazio de existência inerente, que só pode ser plenamente compreendida uma vez que o *Bodhisattva* alcança *prajna (prajñā)*, a sabedoria capaz de perceber a falta de natureza própria de qualquer fenômeno que seja, a sua interdependência, o caminho do meio (*madhyamaka*), que não cai no extremo de atribuir existência última e inerente ou independente ao eu e aos fenômenos, nem no extremo de negar a sua existência relativa e nominal, o fato de tanto o que chamamos de eu, quanto o mundo fenomênico existirem na dependência de causas e condições, de virem à existência e se transformarem a todo momento num processo chamado de “originação dependente” (*pratītyasamutpāda*) (SKILTON, 2013, p.114).

Dessa forma, a escola *Madhyamika*, fundada por Nagarjuna, estabelece as duas verdades em relação ao eu e aos fenômenos. A verdade última (*paramārthasatya*), referente ao vazio de existência inerente de eu individual, de fenômenos independentes, de concretude perene, e a verdade relativa (*saṃvṛitisatya*) referente à concretude relativa desses fenômenos que também não pode ser negada, aquela que é percebida pelos sentidos e pela mente, o mundo tal qual o vemos, sentimos, tocamos, cheiramos e pensamos, o sujeito e o objeto tal qual o percebemos:

O *Dharma* ensinado pelos *Buddhas* se apoia perfeitamente em duas verdades: as verdades relativas do mundo e as verdades últimas de significado sublime...sem se apoiar no relativo, o significado último dos fenômenos não pode ser ensinado. Sem a compreensão do significado último dos fenômenos, não se alcança o Nirvana (NAGARJUNA, 2000)⁵³.

⁵³ *The Dharma taught by Buddhas perfectly relies on two truths: the ambiguous truths of the world and the truths of the sublime meaning... Without relying on conventions, the sublime meaning cannot be taught. Without understanding the sublime meaning, one will not attain nirvana.* (Tradução minha).



O *Sutra do Coração* (*prajñāpāramitahṛdayamsūtra*), por sua vez, como a maior parte dos sutras, faz parte da coleção do cânone budista denominada de discursos atribuídos ao *Buddha Shakyamuni* (*Buddhavacana*). Muito embora, estes textos sejam datados de tempos bem posteriores aos que, como se supõem a partir das evidências, tenha vivido o *Buddha* histórico, c.643 a.c. -563 a.c. (BRUM, 1992, p.24), contêm ensinamentos que teriam sido passados a uma linhagem de filósofos que remonta aos tempos do *Buddha* e que continuavam a ser debatidos em determinados círculos de discípulos até se disseminarem via textos escritos (SKILTON, 2013, p.98). Este sutra, como todos os sutras vinculados à coleção de sutras *Prajna Paramita*, encerra as bases filosóficas do budismo *mahāyāna*, tanto que um dos principais expoentes do budismo tibetano e fundador da escola *Gelugpa*, Je Tsongkhapa (1357-1419), estabelece como os três principais aspectos da senda budista, *bodhicitta*, a mente altruísta, *vairāgya*, a renúncia e *prajna*, ou a sabedoria que compreende o vazio. Tanto para *bodhicitta*, quanto para a renúncia serem eficazes no auxílio de libertação de todos os seres do sofrimento, a meta principal do *mahāyāna*, é necessário alcançar a perfeição da sabedoria⁵⁴:

Já debes ter compreendido o pensamento do Conquistador, tanto quanto às duas ideias que te parecem incompatíveis: a aparência das coisas e o vazio de existência inerente [*śūnyatā*] – além da tomada de qualquer extremo. Quando estas duas ideias não mais forem alternadas, estando simultâneas, realmente percebendo que a interdependência nunca cessa e conduzindo à compreensão que destrói o como te manténs preso aos objetos, então estará completa a tua visão analítica [*vipaśyanā*] (TSONGKHAPA, 1999, p.131)⁵⁵.

Portanto, o ensinamento contido no *Sutra do Coração*, constitui um dos mais importantes para o estudo e prática do budismo *mahāyāna* e a aplicação de sua ética no mundo. É comum que o sutra em sânscrito seja recitado, assim como no sistema

⁵⁴ O budismo *mahāyāna* enfatiza seis paramitas ou perfeições que devem ser desenvolvidas por aqueles que fazem o voto do *Bodhisattva*: *dāna* (generosidade), *shila* (conduta harmônica com o Dharma budista), *kshanti* (paciência), *virya* (perseverança), *dhyana* (plena atenção) e *prajna* (sabedoria). Ver: GESHE SONAM RINCHEN. *The Six Perfections. An Oral Teaching*. Traduzido por Ruth Sonam. Ithaca: Snow lion, 1998.

⁵⁵ *So long as the understanding of appearances as unfailing dependent arising and of emptiness free from all assertions seem disparate, you still do not comprehend the Subduer's thought. When the two do not alternate but are simultaneous, and merely seeing dependent arising as unfailing destroys through certainty how the object is perceived, analysis with regard to the view is complete.* (Tradução minha).



de ritos do budismo indo-tibetano, a língua sânscrita carrega um *status* especial, em que mantras e determinadas sílabas não são traduzidos (CARLUCCI, 2013, p.67). Para a tradução deste texto utilizei como fonte um conjunto de traduções, incluindo o sânscrito transliterado, a tradução do tibetano para o inglês feita pelo Geshe Thupten Jinpa e disponível no livro do XIV Dalai Lama (2015, pp.77-79) sobre o sutra, e traduções do sânscrito para o inglês de Conze (2001) e Jayarava (2013), cujos estudos acerca de traduções chinesas e da terminologia presente no texto também serviram de fontes auxiliares. Os dicionários sânscrito-inglês escolhidos para a pesquisa e tradução do texto foram uma edição impressa do Monier-Williams (1974) e dicionários online decorrentes, como a versão online do Monier-Williams e *sanskritdictionary.org*, cuja base de dados inclui o Monier-Williams, o *Apte* e o *vedabase search*. O uso de dicionários sânscrito e inglês é necessário não só porque os textos paralelos e as traduções consultadas estão em inglês, mas também porque não há dicionários de sânscrito-português disponíveis atualmente.

O texto em sânscrito transliterado, de acordo com o padrão de transliteração internacional, mantendo os diacríticos, sem uso de maiúsculas e seguindo a pontuação utilizada na transliteração organizada por Conze (2001, pp. 79-81) da versão curta do *Sutra do Coração* foi a versão sânscrita utilizada. O mesmo texto em sânscrito não-transliterado e correspondente à transliteração da edição de Conze, na caligrafia *siddham* é disponibilizada por Jayarava (2013)⁵⁶ para o público em seu *site*, mas, por questões de direitos autorais, aqui será disponibilizado somente o seu *link*. Pelo mesmo motivo, somente o texto em sânscrito transliterado será disponibilizado ao final deste documento. Utilizei o itálico nas ocorrências de termos que foram mantidos em sânscrito no texto traduzido, mas sem os diacríticos, como *Prajna Paramita* (Perfeição da Sabedoria), ao invés de *prajñāpāramitā*.

Na segunda estância, apresentei uma tradução para o nome de *Avalokiteshvara*, uma das principais deidades budistas, levando em conta o significado de seu nome, “o Senhor (*Ishvara*) que olha para baixo (*avalokite*)” (STUDHOLME, 2002, pp.49-50), com o intuito de realçar a sua característica, enquanto aquele que olha para baixo para prestar auxílio aos seres que sofrem em todas as direções, seguindo também a tradução feita por Conze (2001, p.84) para o

⁵⁶ <http://www.visiblemantra.org/heartsutra.html>



inglês: “*He looked down from on high*”. Apesar de o elemento da compaixão, marca característica do budismo *mahāyāna* não ser explicitamente o tópico principal deste sutra, esse epíteto ajuda a denotar tal ponto, bem como possivelmente a escolha por parte do(s) autor(es) do sutra apresentar *Avalokiteshvara* como uma figura que desvela o vazio de existência inerente pode ter uma finalidade de ressaltar a indissociabilidade entre a mente iluminada e altruísta (*bodhicitta*) e a sabedoria que compreende a natureza última dos fenômenos (*prajna*), isto é, a união da compaixão e da sabedoria.

Também optei por manter em sânscrito *Prajna Paramita*, com letra maiúscula, sempre ao lado de Perfeição da Sabedoria, tanto por se tratar de um termo técnico típico dessa vertente do budismo e para deixar claro que neste contexto sabedoria se refere a *prajna*. Ora coloquei *Prajna Paramita* entre vírgulas, ora Perfeição da Sabedoria se tornou um aposto, de modo a torná-los intercambiáveis em seu uso pelos leitores. Outro termo que poderia denotar sabedoria, percepção direta – *jnana* (*jñāna*), foi traduzido como compreensão neste contexto, mantendo-o em sânscrito após vírgula. Já o termo *Paramita* (*pārāmita*) foi traduzido como perfeição, seguindo a definição apresentada por Lopez (1988, p.21), de algo que é aperfeiçoado, algo que é excelente, o mais elevado, derivando da raiz *parama* (excelência).

O termo “perfeição” já está consolidado nas traduções de textos budistas indo-tibetanos acerca deste assunto, tanto em inglês, quanto em português, dispensando maiores comentários, exceto o de que essas *paramitas* ou perfeições de que se falam, são importantes qualificativos para delimitar que não se trata de qualquer tipo de sabedoria (no que tange os diferentes significados que poderíamos inferir da palavra “sabedoria” em português, seja sabedoria intelectual ou erudição, ou sabedoria popular), mas trata-se de uma sabedoria que compreende a realidade e leva à libertação do ciclo compulsório de nascimento, envelhecimento, morte e renascimento, do *samsara*.

Já no caso de *shunyata*, optei por traduzir como vazio de existência inerente, assim como na tradução em inglês na edição comentada pelo XIV Dalai Lama, em que ora se traduz como *emptiness* (quando substantivado), ora como *empty of inherent nature*. Entretanto, optei não utilizar meramente vazio, mesmo quando substantivado, nem como vacuidade, por não se tratar aqui meramente de um vácuo



ou um nada. Tal termo é sempre de difícil tradução podendo incorrer em confusões com referenciais de filosofias ocidentais materialistas e/ou niilistas que têm pouca relação com o desenvolvimento do pensamento budista.

Tsongkhapa reforça que o vazio de existência inerente representa a ausência de natureza independente ou de essência individual dos objetos, mas também denota a interdependência de todos os fenômenos. Todas as coisas, inclusive a noção de “eu”, surgem na dependência de causas e condições, portanto, não se trata de uma negação da existência, mas da existência inerente ou natureza intrínseca ou própria (*svabhāva*) dos fenômenos. Trata-se também de um problema de tradução como bem pontua Garfield (2014, p. 7):

A palavra sânscrita aqui é *svabhāva*, a tradução para o inglês constitui uma armadilha. Costumo traduzir por essência e é OK. Outros utilizam substância, existência substancial, natureza própria, ser próprio, próprio ser, existência essencial, etc... muitos de nós têm adotado natureza intrínseca. Mas nenhuma expressão em inglês pode captar o sânscrito perfeitamente. A ideia é a seguinte: Ter *svabhāva* é existir independentemente, ter uma propriedade (*svabhāva*) que torne a coisa aquilo que a coisa é, ser capaz de existir como aquela coisa independentemente de qualquer outra coisa(...)ser vazio de identidade intrínseca, de acordo com Candrakīrti e Tsongkhapa, não significa, portanto, ser não-existente, mas, pelo contrário, existir interdependentemente, relacionalmente, não-essencialmente e convencionalmente⁵⁷.

Nesse sentido a análise de Jayarava (2013) da estância a seguir em sânscrito, comparando-a com outras traduções do *Sutra do Coração* e com o vocabulário e a sintaxe de outros sutras *Prajna Paramita* mais antigos (uma vez que ainda não se encontrou um manuscrito do Sutra do Coração contemporâneo destes, ou seja, anterior ao século IV, como o próprio autor destaca), faz um *backtranslation* para o sânscrito e depois o traduziu para o inglês, o que serviu de ajuda para a tradução da estância a seguir, enumerada de acordo com as diferentes versões:

⁵⁷ *The Sanskrit word here is svabhāva, and translation into English is a notorious can of worms. I have often used essence to capture its meaning, and that is OK. Others have used substance, substantial existence, self-nature, self-being, own-being, essential existence, etc... Many of us are now settling on intrinsic nature. But no English expression captures the Sanskrit perfectly. The idea is this: To have svabhāva is to exist independently, to have a property (a svabhāva) that makes the thing the thing it is, to be capable of existing as that thing independently of anything else. (...) To be empty of intrinsic identity, according to Candrakīrti and Tsongkhapa, is hence not to be non-existent, but rather to exist interdependently, relationally, non-essentially, conventionally. (Tradução minha).*



1) Sânscrito Transliterado, texto-fonte (Conze, 2001):

iha śāriputra: sarva-dharmāḥ śūnyatā-lakṣaṇā, anutpannā aniruddhā, amalā avimalā, anūnā aparipūrṇāḥ.

2) Backtranslation e tradução de Jayarava:

Iha śāriputra sarvadharmāḥ śūnyatālakṣaṇā. Yā śūnyatā notpadyate na nirudhyate na saṃkliśyate na vyavadāyate na hīyate na vardhate.

Here Śāriputra, all experiences are marked with emptiness. Emptiness does not arise, does not cease, is not soiled, is not purified, does not decrease, and does not increase.

3) A essa tradução podemos acrescentar também a tradução em inglês da edição do XIV Dalai Lama (2015, p.76), feita por Thupten Jinpa, a partir da tradução tibetana do texto em sânscrito:

Therefore, Shariputra, all phenomena are emptiness; they are all without defining characteristics; they are not born, they do not cease, they are not defiled, they are not undefiled. They are not deficient, and they are not complete.

4) Minha tradução:

Ó Shariputra, o vazio de existência inerente é a característica de todos os fenômenos. O vazio de existência inerente não é produzido, nem cessa, não é poluído, nem purificado, não é incompleto, nem cheio.

Enquanto no caso do texto fonte **(1)** poder-se-ia traduzir *sarva-dharmāḥ* como o sujeito de todos os períodos dessa estância, uma vez que está no nominativo plural, acompanhado de *sarva*, compondo a ideia de todos os *dharmas*, ou todos os fenômenos, conforme o dicionário de sânscrito referentes ao Monier Williams, *Apte* e ao *Vedabase search*⁵⁸, de modo que o segundo período dessa estância se vertesse como: “Os fenômenos não surgem, não cessam, não são poluídos, não são purificados, não aumentam, nem diminuem.” A análise e *backtranslation* de Jayarava, **(2)** no entanto, reforçam a possibilidade de tradução de *śūnyatā* como o sujeito do segundo período, uma vez que todos os verbos estão na terceira pessoa do singular e não do plural, vide a terminação *ate*, portanto: “O vazio de existência

⁵⁸ <http://sanskritdictionary.com>



inerente não é produzido, nem cessa, não é poluído, nem purificado, não é incompleto, nem cheio.”

Embora haja uma diferença lexical entre os dois fragmentos em sânscrito, essas palavras não deixam de ter uma relação de certa sinonímia de uma versão para a outra: *amalā* (puro); *avimalā* (destituído de pureza) e *saṃkliśyate* (que sofre aflição), *vyavadāyate* (que é purificado); *anūnā* (não inferior, não diminuído) *aparipūrṇāḥ* (não se enche, não é cheio) e *hīyate* (se perde), *vardhate* (se expande), conforme as definições contidas no dicionário Monier-Williams.

Mantive a tradução mais próxima, na maior parte do fragmento escolhido, isto é, o texto-fonte principal **(1)**, considerando também o que me soou mais poético, como no uso da metáfora “poluído” e “purificado” para se referir à percepção enganosa dos fenômenos. Uma metáfora comumente utilizada em textos budistas indo-tibetanos traduzidos no Ocidente. Quanto ao final desse período, preferi uma tradução um pouco mais próxima daquela disponível no livro do XIV Dalai Lama **(3)**, que, por sua vez, se assemelha bastante à tradução de Conze (2001, p.91): “*not deficient or complete*”. Traduzi *anūnā* como incompleto em contraposição ao cheio. Se seguisse mais literalmente o primeiro fragmento, poderia tornar a tradução em português um tanto confusa com o excesso de negativas, tal como: “nem não diminuído, nem não cheio”.

Apesar de substantivar o vazio de existência inerente, tornando-o sujeito também nesse trecho da tradução, considerei esta uma escolha mais adequada para reforçar o ponto de que o próprio vazio de existência inerente também é vazio de existência inerente e, portanto, se trata da natureza última dos fenômenos em que nenhum atributo é intrínseco ao próprio fenômeno, nem o próprio vazio constitui em si um fenômeno inerentemente existente, já que se pode entender pelo sutra que esse esvaziamento da noção de separatividade, de eu e fenômenos (*dharmas*) como inerentemente, ou independentemente, existentes é o que leva à culminação do completo despertar (*samyak-sambodhī*) e do Nirvana.

Dharma é uma palavra polissêmica que pode constituir diferentes termos que designam desde o ensinamento do *Buddha* (no contexto budista), sustentação, o caminho, o dever, lei, como também fenômenos, dentre uma série de outras acepções possíveis presentes no dicionário Monier-Williams. Jayarava (2013) adota a palavra *experience* em sua tradução para o inglês. Mantive a tradução “fenômeno”,



conforme é adotada em traduções de textos indianos por parte da tradição tibetana, como na tradução de Ruth Sonam do texto de Tsongkhapa (1999) sobre os três principais aspectos da senda (*The Three Principal Aspects of the Path*), muito embora a edição do XIV Dalai Lama do Sutra do Coração, tenha optado por *things* (coisas) neste trecho específico. *Experience* é uma tradução um tanto reducionista, como se o texto estivesse falando apenas da mente e suas projeções e não da própria constituição de tudo que chamamos de mundo fenomênico, isto é, todo o mundo externo ao que chamamos de “eu” ou sujeito, assim como “coisas” pode dar a impressão de que se tratam apenas de objetos físicos e tangíveis, o que não é exatamente o caso aqui.

A polissemia dos termos sânscritos se faz presente com os termos *rūpa* e *dharma* novamente, como no caso das estâncias abaixo (agora de volta somente ao texto-fonte do manuscrito transliterado por Conze):

iha śāriputra: rūpaṃ śūnyatā śūnyatāiva rūpaṃ

Ó Shariputra, a forma é vazia de existência inerente, o vazio de existência inerente é a forma.

na rūpa-śabda-gandha-rasa-spraṣṭavaya-dharmāḥ

Não há formas visíveis, sons, odores, sabores, objetos tangíveis, nem fenômenos mentais.

A diferença de tradução ocorre devido ao contexto, pois no primeiro exemplo *rūpa*, no nominativo singular, *rūpaṃ*, se refere ao agregado (*skandha*) forma, que engloba todos os tipos de formas, das mais sutis às mais densas, isto é a forma em geral, tanto que alguns tradutores como Boin-Webb (2001, p.1), em sua tradução indireta para o inglês do *Abhidharma Samuccaya* de Asanga (a partir da tradução do sânscrito para o francês de Walpola Rahula) como *matter*, acompanhada dos outros quatro skandhas, todos com o termo em sânscrito entre parênteses: “*there are five aggregates: [1] the aggregate of matter (rūpa), [2] the aggregate of feeling (vedanā), [3] the aggregate of perception (saṃjñā), [4] the aggregate of formations (saṃskāra) and [5] the aggregate of consciousness (vijñāna).*”

Já no segundo exemplo, o termo faz parte de um composto que exemplifica os seis tipos de objetos ou fenômenos apreendidos pelos seis sentidos ou esferas dos sentidos e dos objetos apreendidos por eles (*āyatana*). No budismo, o pensamento ou a mente pensante (*manas*) está incluso como o sexto sentido, além dos cinco



sentidos físicos habituais, como tato, paladar, olfato, visão, audição, como bem explicitado pelo *Abhidharma Samuccaya* de Asanga, fundador da escola *Yogācāra* no século IV. Em sua tradução desse texto, Webb (2001, p.2) traduz *rūpa*, na enumeração dos *āyatana*s feita por Asanga, também acompanhado do sânscrito entre parênteses, como *form*:

“There are twelve spheres: [1] the sphere of the eye (cakṣurāyatana) and [2] the sphere of form (rūpayatana); [3] the sphere of ear (śrotrāyatana) and [4] the sphere of sound (śabdāyatana); [5] the sphere of the nose (ghrāṇāyatana) and [6] the sphere of odor (gandhāyatana); [7] the sphere of the tongue (jihvāyatana) and [8] the sphere of taste (rasāyatana); [9] the sphere of the body (kāyātana) and [10] the sphere of tangibility (spraṣṭavyāyatana); [11] the sphere of the mental organ (mana ayātana) and [12] the sphere of mental object (dharmāyatana).”

Numa nota de rodapé, na página anterior, ainda ao se referir aos *skandhas* ou agregados, Webb (2001, p.1), justifica a sua tradução para o inglês da seguinte forma: “Na categoria *rūpa*, *śabdā*, etc... *rūpa* significa “forma” visível e não matéria na categoria dos cinco agregados. Neste contexto, traduzir *rūpa* como “matéria” causaria confusão, pois coisas como som (*śabdā*), odor (*gandha*), etc também se constituem de matéria sutil.”

No segundo trecho do *Sutra do Coração*, então, *rūpa* se refere a formas visíveis, *śabda* sons, *gandha* odores ou cheiros, *rasa* sabores ou gostos, *spraṣṭavaya* formas tangíveis, *dharmāh* formas mentais. Preferi simplesmente diferenciar os dois significados diferentes de *rūpa* simplesmente como forma (como forma geral) e forma visível (ao se referir aos sentidos), uma vez que “matéria” também poderia causar confusão com o referencial ocidental de matéria ou com o que o senso comum pode pensar ao ler a palavra “matéria”, sem maiores explicações.

iha śāriputra foi traduzido como “Ó, Shariputra”, apenas como um recurso poético, uma vez que *iha* pode se referir a “agora”, “aqui” ou “dessa forma” e estabelece uma relação de vocativo com Shariputra, como na tradução editada pelo XIV Dalai Lama: *in this way, Shariputra. Buddha* foi mantido de acordo com a transliteração internacional, conforme tem sido adotado por outros tradutores e estudiosos de textos budistas no Brasil, como Brum (1992) e Tsai (2017), ao invés da forma dicionarizada no português brasileiro, “Buda”. Tal escolha decorre da



existência de diferentes palavras em sânscrito com grafias semelhantes, mas significados diferentes, que ao falante de português podem soar como a mesma palavra, como no caso de *Buddha* (o desperto, título dado a Sidharta, Gautama e termo técnico do budismo) e *Budha* (o planeta mercúrio, um deus correspondente a mercúrio), como podemos ver no dicionário de Monier Williams e no *sanskrit dictionary.org*.

Por fim, apresento uma tradução do mantra ao final do sutra, muito embora na tradição indo-tibetana mantras geralmente não sejam traduzidos, como no caso da edição do XIV Dalai Lama, há apenas o mantra em sânscrito, sem tradução. Portanto, a tradução do mantra serviria apenas para dar ao leitor uma noção de seu significado geral, devendo ser recitado em sânscrito:

gate gate pāragate pārasaṃgate bodhi svāhā.

Adiante e além, todos adiante e além, rumo a outra margem, ao despertar, assim seja!

Gate é o particípio passado de *gata*, que pode ser traduzido como ir adiante, conforme consta no dicionário de Monier Williams e no *sanskritdictionary.org*, *paragate* reforça a ideia de ir adiante, já que o prefixo *para* denota além. Já *parasamgate* é a junção de adiante e além em união, combinação (*sam*) e pode ser interpretado como todos [os seres] indo adiante e além. *Bodhi* pode ser traduzido como despertar e *svāhā* não tem uma tradução fácil, uma vez que representa uma espécie de saudação, comum no final de muitos mantras, como uma fórmula de fechar a invocação do mantra. Traduzi-o por “assim seja!”. Também acrescentei “rumo a outra margem”, antes de “despertar” para reforçar a ideia de exortação a que todos se empenhem no caminho após estudarem o sutra do coração e sigam adiante, rumo à libertação do *samsara*.

Traduzir um texto antigo que pode ter sofrido diversas edições ao longo de sua história e de autoria incerta é sempre um desafio, principalmente porque mesmo se utilizando do sânscrito transliterado como uma das fontes, além das traduções em inglês, e pesquisas acerca deste e de outros textos budistas, ainda assim, não se pode esperar uma tradução definitiva, nem dizer que se trata de uma tradução direta. Mesmo quando temos algum acesso ao texto supostamente original, esse tipo de tradução invariavelmente depende de uma série de outras traduções e textos das tradições interpretativas por onde esse texto passou ao longo da história.



De certa forma, reforça a ideia de interdependência da tradução com traduções e edições anteriores do texto e de outros textos vinculados.

A Tradução e o tradutor são vazios de existência inerente e, portanto, tudo que se espera é contribuir para o estudo, a análise, a pesquisa, o debate e a meditação sobre este sutra budista, um dos mais conhecidos e comumente utilizado pelas mais diversas vertentes do budismo e diferentes tradições interpretativas, da Índia ao Tibete, da China ao Japão, da Ásia para o chamado mundo ocidental.

REFERÊNCIAS

ASANGA. *Abhidharma Samuccaya. The Compendium of The Higher Teaching (Philosophy)*. Traduzido por Sara Boin-Wenn. Fremont: Jainpub, 2001.

BRUM, Alberto. *A Libertação do Sofrimento no Budismo Tibetano Gelugpa*. Brasília: Teosófica, 1992.

CARLUCCI, Bruno. *O Grande Cálculo: ensaio sobre a tradução indireta de um texto budista tibetano*. Brasília: Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília, 2013, 110 f. Dissertação de mestrado.

CONZE, Edward. *Buddhist Wisdom Books: Containing The Diamond Sutra and the Heart Sutra*. New York: Vintage Books, 2001.

DHARMACĀRĪ JAYARAVA. *An Alternate Sanskrit Heart Sutra*. Disponível em: <http://jayarava.blogspot.com/2013/10/an-alternate-sanskrit-heart-sutra.html/> Acesso em 14/02/2019.

DHARMACĀRĪ JAYARAVA. *Prajñāpāramita-hṛdayam Sūtra - The Heart Sutra*. <http://www.visiblemantra.org/heartsutra.html/> Acesso em 14/02/2019.

GARFIELD, J.L. *Madhyamaka Is Not Nihilism*. University of Melbourne, 2014. Disponível em: https://jaygarfield.files.wordpress.com/2014/01/garfield_nihilism1.pdf Acesso em 14/02/2019.

GESHE SONAM RINCHEN. *The Six Perfections. An Oral teaching*. Traduzido por Ruth Sonam. Ithaca: Snow lion, 1998.

GYATSO, Tenzin (XIV Dalai Lama). *Essence of the Heart Sutra: The Dalai Lama's heart of wisdom teachings*. Traduzido e editado por Geshe Thupten Jinpa. Boston: Wisdom, 2015.



JE TSONGKHAPA. The Three Principal Aspects of the Path – Root Text. In: GESHE SONAM RINCHEN. *The Three Principal Aspects of the Path*. Traduzido por Ruth Sonam. Ithaca:1999, Snow Lion.

KALUPAHANA, DAVID J. *The Principles of Buddhist Psychology*. University of Hawai Press, 1992. Delhi: Sri Satguru Publications.

LOPEZ, Donald. *The Heart Sūtra Explained: Indian and Tibetan Commentaries*. Albany: State University of New York University Press, 1988.

MONIER-WILLIAMS. *Sanskrit-English Dictionary: New Edition*. London: Oxford University Press, 1974.

_____. *Monier Williams Sanskrit-English Dictionary*. Disponível em: <http://monierwilliams.com/> Acesso em 14/02/2019.

NAGARJUNA. *Verses from The Center: Mula Madhyamaka Karika*. Traduzido por Stephen Batchelor. Sharpam College, 2000. Disponível em: <https://www.stephenbatchelor.org/index.php/en/verses-from-the-center> Acesso em 14/02/2019.

प्रज्ञापारमिताहृदयसूत्र Prajñāpāramitā Hṛdaya sūtra. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/385499873/Sutra> Acesso em 14/02/2019.

Sanskrit Dictionary. <http://sanskritdictionary.com/> Acesso em 14/02/2019.

SKILTON, Andrew. *A Concise History of Buddhism*. Birmingham: Windhorse Publications, 2013.

STUDHOLME, Alexander. *Origins of Om Mañipadme Hūṃ: A Study of the Kāraṇḍavyūha Sūtra*. Albany: State University of New York Press, 2002.

TSAI, Plínio Marcos. *Meditações: A Vida do Buddha*. Valinhos: Editora ATG, 2017.

Biografia do tradutor

Bruno Carlucci é bacharel em Letras-Tradução pela Universidade de Brasília e mestre em Estudos da Tradução também pela Universidade de Brasília, onde apresentou sua dissertação, um ensaio sobre a tradução indireta e comentada de um tratado budista tibetano. Atualmente é doutorando em Linguística Aplicada na Unicamp, com pesquisa sobre as traduções do texto indiano *Bodhisattvacaryāvatāra (O Guia do Estilo de Vida de um Bodhisattva)* do *pandit* budista Shantideva (séc. VIII). Dedicou-se ao estudo do budismo indiano e tibetano desde 2007.